



A ESCOLA E A APRENDIZAGEM DOS TEMPOS NA/DA INFÂNCIA: REFLETINDO SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

Simone Ribeiro; Patrícia Duarte; Alesandra M. L. Alves; Aletéia Carvalhaes

Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora – simonerib@gmail.com

Resumo:

A experiência relatada apresenta um trabalho interdisciplinar desenvolvido no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora- MG, envolvendo as turmas de 1º ano do ensino fundamental do Colégio de aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. Tal relato se insere no Projeto Coletivo de Trabalho denominado “Eu, o outro e o mundo: minha vida de criança”. O tempo, enquanto conteúdo de ensino, aparece em diferentes áreas do conhecimento de modos e com enfoques ora diferentes ora muito similares. São vários os tempos, o tempo histórico, geológico, cronológico etc. Assim estudamos a duração relativa das coisas, a ideia de presente, passado e futuro; período contínuo no qual os eventos se sucedem, as épocas. Mas como estes estudos se relacionam com as noções e as referências que as crianças têm acerca do tempo? Nossa intenção foi trazer esta questão para o contexto da educação fundamental, mais especificamente para a alfabetização matemática incorporada a outras linguagens, como a música e a literatura, que é uma marca do trabalho que realizamos neste ano escolar... Algumas questões orientam a escrita deste trabalho: Como concebemos o tempo enquanto conteúdo de ensino nas séries iniciais? Que metodologias favorecem a percepção e o conhecimento da criança acerca do tempo? De que tempos tratamos na escola e no ensino? Assim, nosso objetivo neste artigo é o de refletir sobre os desafios e as possibilidades de aprender e brincar “com” e “sobre” o tempo com crianças nas turmas de 1º ano do ensino fundamental. Buscamos envolver as famílias e as crianças que compartilharam suas trajetórias conosco e com os colegas nutrindo possibilidades de construção das noções de tempo *Chronos*: do hoje, ontem e do amanhã, bem como as fases de suas vidas e daqueles que os cercam, mas também do tempo *Kairós* através de suas experiências, memórias e sentimentos.

Palavras-chave: Alfabetização Matemática, Tempo, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo pergunta eu sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. (Santo Agostinho, 1999)

Iniciar nosso artigo com uma citação do século V, que traz questões sobre como concebemos o tempo, já nos mostra que o tempo, como foco de estudo e reflexões é atemporal. Apesar dos trocadilhos, nossa intenção é trazer estas questões para o contexto da educação fundamental, mas especificamente para as séries iniciais. Como concebemos o tempo enquanto conteúdo de ensino nas séries iniciais? Que metodologias favorecem a percepção e o conhecimento da criança acerca do tempo? De que tempos tratamos na escola e no ensino?



O tempo, enquanto conteúdo, aparece nas diferentes áreas do conhecimento de modos e com enfoques ora diferentes ora muito similares. São vários os tempos, o tempo histórico, geológico, cronológico etc. Assim estudamos a duração relativa das coisas, a ideia de presente, passado e futuro; período contínuo no qual os eventos se sucedem, as épocas. Mas como estes estudos se relacionam com as noções e as referências que as crianças têm acerca do tempo?

Se buscarmos uma referência na mitologia *Chronos*, Deus dos tempos e das estações, nos traz a definição do tempo cronológico e físico, compreendido como os séculos, os anos, os meses, os dias, as horas, os minutos, os segundos, o tempo que se conta. Mas é também da mitologia que podemos trazer outra referência para pensarmos o tempo: *Kairós*, filho de *Chronos* que, ao contrário de seu pai, concebia o tempo como momento oportuno, ou seja, não-linear e que não se podia determinar ou medir, uma oportunidade ou mesmo a ocasião certa para determinada coisa (ARANTES, 2017)

Segundo Kohan (2017) há um esforço de certas ciências em fixar a infância em torno de uma certa temporalidade. No entanto, a partir destas duas concepções de tempo, podemos repensar a infância, não mais apenas como uma etapa da vida, uma fase que precisa ser numerada e quantificada, mas também como “um reinado que tem como marca uma intensidade. No reino infantil, o que é o tempo, não há sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração” (KOHAN, 2007, n. p.). Pra o referido autor o tempo *Chronos* e o tempo *Kairós* coexistem enquanto infância e uma temporalidade não é excludente da outra. “Uma infância afirma a força do mesmo, do centro, do tudo; a outra, a diferença, o fora, o singular. Uma leva a consolidar, unificar e conservar; a outra a irromper, diversificar e revolucionar” (n. p.).

Assim, nosso objetivo neste artigo é o de refletir sobre os desafios e as possibilidades de aprender e brincar “com” e “sobre” o tempo com crianças nas turmas de 1º ano do ensino fundamental. Buscamos envolver as famílias e as crianças que compartilharam suas trajetórias conosco e com os colegas nutrindo possibilidades de construção das noções de tempo *Chronos*: do hoje, ontem e do amanhã, bem como as fases de suas vidas e daqueles que os cercam, mas também do tempo *Kairós*: experiências, memórias e sentimentos. Pois, como nos diz Sacristan (2008, p.17):

El tiempo es un concepto universal del que todos tenemos conciencia, del que disponen y utilizan todas las culturas. De él todos tenemos vivencias, sin que esto sea contradictorio con la realidad de que cada uno de nosotros tengamos una visión distinta sobre él, como han sido diversas las explicaciones que se han hecho del mismo a lo largo de la historia. No sólo es universal, en tanto que todos sabemos que está ahí, sino que es extenso, en el sentido de que afecta a todo. Los seres vivos lo son por un tiempo, con él evolucionan, las cosas tienen un origen, se transforman, cambian y se desintegran con el tiempo. Las acciones se realizan en

un tiempo y a tiempo o a destiempo. Sólo los dioses eran eternos y eso, de alguna manera, es también su tiempo. En contraste con esa presencia universal, nos resulta extremadamente difícil expresar en qué consiste el tiempo.

O CONTEXTO

A experiência relatada apresenta um trabalho interdisciplinar desenvolvido no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora- MG, envolvendo as turmas de 1º ano do ensino fundamental do Colégio de aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. Tal relato se insere no Projeto Coletivo de Trabalho denominado “Eu, o outro e o mundo: minha vida de criança”. Apesar do relato apresentar mais aspectos referentes à alfabetização matemática, incorporamos outras linguagens como a música e a literatura, como marca do trabalho realizado neste ano escolar. Os primeiros anos do Colégio de Aplicação João XXIII se constituem em quatro turmas com 20 alunos cada uma. Sendo que todas elas possuem crianças de 5 até 7 anos em diferentes momentos na construção de noções matemáticas, e origens sociais.

A diversidade é uma marca do Colégio, pois ao optarmos pelo sorteio como forma de entrada dos alunos, em qualquer ano escolar, nos deparamos com a necessidade de encarar as diferenças e provocar possíveis encontros neste contexto heterogêneo. Acreditamos que o Projeto Coletivo de Trabalho atua como aliado neste processo na medida em que busca resgatar as subjetividades e os diferentes contextos de nossas crianças para sedimentar nossa prática pedagógica. Cada disciplina se entrelaça com todas as outras a partir do trabalho com os temas que vão sendo definidos coativamente a cada momento pelos professores. Assim, no 1º ano, costumamos iniciar pelo nome e sobrenome das crianças, os tipos de família que possuem e que existem, os lugares onde moram, enfim o resgate de suas vivências anteriores culminando da sistematização do cotidiano em forma de conhecimento acumulado pelas sociedades ao longo do desenvolvimento da humanidade.

Compreendemos que as crianças estão em contato, desde muito pequenas com muitas noções matemáticas: ouvem e falam numerais, comparam, agrupam, separam, ordenam e resolvem pequenos problemas envolvendo a ideia de juntar, separar, repartir etc., acompanham a marcação do tempo feita pelos adultos, exploram e comparam pesos e tamanhos, observam e experimentam as propriedades e as formas dos objetos, percorrem e exploram diferentes espaços e distâncias etc. Pode-se dizer que, em maior ou menor grau e dependendo do contexto sociocultural de cada criança, quando estas chegam à escola já possuem de forma assistemática conhecimentos matemáticos socialmente construídos. Como a escola tem lidado com estes conhecimentos? Temos



conseguido organizar situações que desafiem os conhecimentos iniciais das crianças, ampliando-os e sistematizando-os?

O tempo, por exemplo, é um dos conteúdos de Grandezas e Medidas que permite a integração, a partir do trabalho com a história de vida da criança, com o estudo dos temas de História, Geografia e Ciências. A História da sua família, do seu nascimento, imagens e lembranças de seu passado em relação ao passado dos pais, em relação ao tema corpo possibilita uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento tanto físico, mudanças no tamanho, no peso, etc. quando mental, coisas que eu gostava quando era mais novo e que não gosto mais ou vice versa. Visando explorar estas possibilidades construímos um roteiro de atividades que, de forma mais ou menos concomitante, foi sendo desenvolvido em todas as turmas de modo que, o relato aqui apresentado é uma síntese geral.

Partimos da leitura do livro "Da cabeça aos pés" da autora Myryam Ruth Coelho (2009). A história apresenta o problema de Mariana que tinha 7 anos e ainda chupava chupeta. O corpo dela resolveu que não dava mais pra isso acontecer. O problema era no coração. Seus órgãos combinaram e enviaram uma carta ao coração. Este entendeu e, enfim, Mariana deixou a chupeta e cresceu...

Depois de nos divertirmos com a história começamos a conversar um pouco sobre ela. As crianças ficaram animadas para contar como largaram a chupeta, alguns empolgados, outros mais envergonhados, outros que ainda não a tinham largado e também houve crianças que compartilharam que nunca haviam chupado. Foi interessante observar que eles apesar de saberem responder com facilidade quantos anos possuem atualmente, quando perguntamos a idade que largaram a chupeta, muitos se confundiam e não sabiam responder (alguns respondiam zero sendo que haviam feito o uso da chupeta). Tal fato evidencia o quanto a noção de tempo, no que se refere a localização de fatos numa ordem cronológica, indicando o que acontece antes e depois ainda é pouco precisa e não tem referência para crianças nessa faixa etária. Por isso, precisa ser abordada na escola buscando situações bem significativas e sem a preocupação de conclusão.

A história serviu de fio condutor para as outras atividades que tinham sempre como foco as crianças, seu corpo, suas histórias, seus tempos e lugares. Um dos passos significativos neste sentido foi retomar a pesquisa enviada para casa. Pedimos que as famílias nos contassem, através de questionário, que deveria ser preenchido com a ajuda das crianças, muitos detalhes da vida deles no passado e no presente. Também solicitamos uma foto deles de quando eram bebês.



Assim, as conversas sempre partiam das informações que eles haviam trazido e da socialização das fotos. Ver e ser visto pelos colegas quando eram bebês possibilitou refletir sobre a ideia de tempo passado. Que não é tão fácil assim, afinal, tudo que já aconteceu está no nosso passado. Assim, falar sobre o tempo que já passou, levantando as percepções deles sobre o tempo só nos parece ter sentido ao estar relacionada a vida. Explorar as noções de antes, durante, ao mesmo tempo e depois foi possível usando passagens da vida de cada um: Eu tomava mamadeira antes ou depois de comer com talheres? Eu usava fralda antes ou depois de usar o banheiro ou peniquinho? A gente engatinhou antes ou depois de caminhar? Durante a gravidez eu podia ver minha mãe?


Conversamos sobre outras coisas que eles podiam fazer quando eram menores e que hoje já não podem mais, além de compartilharem o que só podem fazer por terem a idade que têm hoje. Assim, na nossa viagem no tempo, resgatamos histórias engraçadas e algumas tristes, voltando no “antes”, entendendo o que era o lugar do passado, das lembranças.

Não necessariamente seguindo esta linearidade, mas também passamos pelo presente. O que é o hoje de cada uma delas? Assim, conversamos sobre o que elas vivenciam, o que gostam e não gostam em relação ao seu passado, em relação umas as outras, enfim, quem são atualmente. Assim refletimos juntas sobre o que pensam sobre as coisas e sentimento atuais, o que é o “agora”. Uma das produções deste momento foi a intervenção pessoal numa foto recente de corpo inteiro onde cada criança pode se expressar e brincar com a própria imagem.

Em outro momento convidamos os alunos a imaginar como seria o futuro, o que elas poderiam fazer quando não fossem mais crianças começando a entender o que será o “depois”. Nesta etapa um dos registros foi um desenho livre após uma roda de conversa sobre como eles se imaginam e desejam para o futuro. Várias possibilidades se abriram, de mudanças e permanências, físicas e emocionais.

Um momento muito lúdico, mas também significativo foi cantar e dramatizar a música “Eu era Assim” de Bia Bedran.

*Quando eu era neném, neném, neném,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era menina, menina, menina,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era mocinha,
mocinha, mocinha,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era casada,
casada, casada,*



*Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era mamãe,
mamãe, mamãe,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era vovó,
vovó, vovó,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era caduca,
caduca, caduca,
Eu era assim... Eu era assim...
Quando eu era caveira,
caveira, caveira,
Eu era assim... Eu era assim...*

A linguagem musical, aliada a expressão corporal nos permitiu identificar as diferentes fases da vida relacionando-as a pessoas com as quais convivemos, vendo que elas também foram crianças e que as crianças poderão chegar a ser adultas e até a “caveiras”. Quais pessoas conhecemos que são nenéns? Quando a gente vira adulto? Quem tem vovó ou vovô? E as caveiras, são uma fase da vida?

Assim, mais uma vez buscamos incentivar a reflexão sobre o que fazemos ou não por estarmos em determinada fase da vida. E, é claro, que a ideia da caveira como ponto final da vida foi uma descoberta marcante. Ainda animados pela música “Eu era Assim” e pelas fases da vida levamos para as salas de aula uma proposta para brincarmos com as caveiras já que as mesmas despertaram muito interesse e ainda nos levavam de volta ao corpo por dentro que, de certo modo, tinha sido o começo de tudo com o corpo da Mariana se rebelando contra o uso da chupeta. Então, vimos o vídeo da música “A dança das Caveiras” e novamente dançamos, dramatizamos, também contamos e exploramos a numeração de 1 a 12, assim como exploramos o uso do relógio pra contar o tempo. Construímos caveiras de papel e enfeitamos com elas nossa sala.

Após estas vivências, que nos levaram a fundo explorando as noções de antes, durante, ao mesmo tempo e depois usando passagens da vida deles era evidente que se iniciava um jeito novo das nossas crianças falarem de suas vidas. Agora sabiam que estavam olhando “para trás” quando contavam algo que já tinha acontecido ou que falavam do futuro quando desejavam que acontecesse algo... Mas ainda não estávamos satisfeitas.

Ainda focados nos tempos, mas querendo trazer nossas reflexões para um momento onde *Chronos* e *Kairós* se encontram, mais uma vez a literatura nos possibilitou a entrada num mundo mágico e familiar às crianças: seu nascimento e aniversário!



Assim, conhecemos a história “Feliz aniversário Lua” do autor Frank Asch (2004), uma jornada do ursinho Bino para conversar com a lua e dar-lhe um presente de aniversário.

Depois de ouvir a história todos eles quiseram falar do próprio aniversário. E então lançamos a pergunta “Como a gente sabe quando é o dia do nosso aniversário? ” Uns ainda não sabiam, outros sabiam o mês e não o dia. Quando concluíram que a idade é o tempo que já passou desde o nascimento e que o dia do aniversário é a mesma data que nascemos, mas no ano seguinte, foi a descoberta de suas vidas! Conversamos sobre como gostamos de comemorar ou não nossos aniversários e, pra não esquecermos, montamos um mural com os meses do ano para identificar os aniversariantes de casa mês. Nosso calendário especial dos aniversários fez muito mais sentido e ampliou nossa noção de tempo incluindo os meses do ano e ampliou nossas contagens até trinta e um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo e a forma como lidamos com ele é algo que varia muito em cada cultura e em cada fase de nossas vidas também. Para a criança é importante conhecer os instrumentos e a forma como em nossa sociedade nomeamos ou contamos a passagem do tempo, mas também é fundamental também refletir sobre como lidamos com este conhecimento, como construímos com as crianças as noções de regularidades e ciclos temporais.

A matemática é uma área do conhecimento que permite e deve ser trabalhada como fruto de um processo onde se insere a imaginação, os exemplos, as relações, os erros os acertos, o formal e o informal a partir das vivências e experiências diárias e relações interdisciplinares propiciadas pelo aprendizado escolar. Este relato buscou apresentar essa relação e sua importância para o processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCH, Frank. **Feliz Aniversário, Lua** - Col. Crianças Criativas . Editora Global, 5ª ed., 2004.

ARANTES. Paulo Corrêa. KAIRÓS E CHRONOS: ORIGEM, SIGNIFICADO E USO. **Revista Pandora Brasil**. Nº 69 . Dezembro de 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf acesso em 07 de setembro de 2017.

COELHO, Myryam Ruth. **Da cabeça aos pés**. Editora Zyt, 2009.

SACRISTÁN, J. **El valor del tiempo en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 2008.

KOHAN, Walter Omar. **Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância**. 27ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa



em Educação, Caxambu, 2004. Disponível em:
http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_walter_kohan.pdf acesso em 07 de setembro de 2017.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

